

Amigxs,

Nessa sexta (07/06) veremos o filme "Terra de Muitos Palácios" (China/Reino Unido, 2015). Sinopse: "O filme acompanha uma funcionária do governo chinês cujo trabalho é convencer camponeses a deixarem suas terras, a fim de povoar cidades-fantasma e levar em frente o plano de desenvolvimento do Estado."

Começaremos a partir das 14h, provavelmente com alguma dinâmica enquanto aguardamos as pessoas chegarem. Venham! :)

No último encontro (31/05) fizemos a seguinte dinâmica:

- Entregamos papéis em branco, propondo que cada um pensasse em um objeto que lembrasse alguém e então o descrevesse sem dizer que objeto era esse. Também propomos que quem se sentisse à vontade escrevesse porque o objeto lembrava alguém.
- Os papéis foram colocados dentro de um recipiente, (à princípio) sem identificação. Tiramos um por vez, lemos em voz alta, e discutimos os objetos.
- No fim, cada um revelou qual objeto havia descrito.

Quatro questões interessantes que apareceram:

1. O ato de trazer para o grupo um objeto ausente. Já tínhamos feito isso em vários encontros a partir das imagens, que, se são imagens, são imagens de alguma coisa, e por isso mesmo sempre mostram mais ou menos do que o objeto: nunca exatamente a mesma coisa, ou então não seria imagem, seria o próprio objeto. As imagens que são produtos dos dispositivos que fazemos nos encontros práticos e as imagens dos filmes são formas de nos tornar acessível um objeto que não temos acesso direto, embora o acesso das imagens seja mediado por algumas questões (enquadramento, distância, ângulo, luz, cores, etc). No último encontro conseguimos acessar objetos com um distanciamento ainda maior: quando a discussão começou, não tínhamos nenhuma imagem para ser vista por todos; cada um formou sua própria a partir de linhas disparadoras e a discussão foi um momento de externalizar isso e de buscarmos algo em comum.
2. A escolha de como descrever. Alguns se atentaram em descrever formatos, medidas e cores, de modo mais objetivo, outros se expressaram de forma bastante subjetiva, deixando margem para muita interpretação. Eleger uma maneira de descrever é um pouco como olhar para o objeto a partir de um certo ponto de vista: dependendo do ponto, ele dará a ver certas coisas em desfavor de outras. Descrever em palavras tem muita relação com a escolha de um enquadramento na hora de filmar, o que já discutimos em alguns encontros.
3. A descrição como ato de expressão (artística mesmo). O termo "descrição" é carregado e traz em si uma ideia de buscar no objeto suas características objetivas, para além de percepções individuais, e de listá-las. Pensar objetos partindo de suas relações pessoais e afetivas já aparece como uma maneira de questionar essa compreensão. Os diferentes objetos e relações que apareceram

demandavam certas abordagens para que as propriedades essenciais pudessem ser trazidas: identificar, ou *inventar* mesmo essas abordagens, é expressão artística.

4. Capacidades de desindividualização. As dinâmicas que fazemos se aproximam muito de brincadeiras despreziosas. Mas, como falamos depois, o grupo é um lugar de desindividualização, e as dinâmicas já deixam um espaço que demanda isso. Ao desindividualizar, discutindo em grupo o que antes era algo individual, entramos em uma dimensão estética, sensível, que é própria da obra de arte e sobretudo do cinema (que mobiliza nossos encontros), mas também dos sujeitos e dos territórios, nossas outras duas linhas mobilizadoras. Parece impossível definir quais coisas essas linhas de cinema, sujeitos e territórios pedem que sejam desindividualizadas para o grupo (as imagens dos filmes e dos dispositivos, por exemplo, parecem claras), mas agradecemos aos que sempre nos trazem questões que exigem um certo avanço e que evidenciam como nosso grupo consegue movimentar as coisas de fora para dentro e de dentro para fora.

Depois, propomos o seguinte dispositivo:

– Em duplas, com o celular, fazer 1 minuto de vídeo mobilizado pelas ideias de cores e texturas.

– Usar a função de pausar e continuar a gravação para fazer uma montagem na câmera.

Algumas coisas que surgiram:

1. Negociação na produção de imagens. Quando usamos *aquilo que está aí* como matéria prima, frequentemente precisamos pedir permissão e, em um certo sentido, negociar mesmo a aquisição de imagens. Às vezes as pessoas podem colocar limites por conta da preocupação com o uso que será feito das imagens, e então cabe a nós conduzir essa negociação. Fazer recortes, como fizemos, é sempre uma boa: convencer alguém a dar uma entrevista filmada é mais complicado que convencer alguém a dar a mesma entrevista apenas por áudio, sem filmagem; bem como filmar um braço é mais simples que filmar um rosto, embora tenhamos que lidar aí com outras questões como “o que será feito com a imagem do meu braço?”, como conversamos.

2. Fazer um filme é mais fácil que parece. Fizemos sete vídeos de 1 minuto, todos extremamente diferentes uns dos outros – mas todos partindo da mesma proposta. A ideia de dispositivo consiste justamente em colocar algum tipo de limite que contém uma grande liberdade criativa. Qualquer um de nós poderia facilmente dedicar uma semana a registrar uma hora e meia de material mobilizado pela ideia de cores e texturas, e seria impossível prever o que surgiria. Limites que orientam uma prática – liberdade criativa.

3. Desvio. O gesto cinematográfico traz um entendimento de que vemos um objeto ligeiramente diferente de como ele realmente é, ou então, como destacado, não estaríamos vendo “imagens”. Isso, somado ao ato de ver em grupo e em uma tela grande, traz um desvio e uma desfamiliarização das coisas filmadas. Quando transformamos as coisas em imagens de cinema, elas dão a ver propriedades que não vemos geralmente. Um zoom, uma câmera parada, um recorte de enquadramento, etc, são maneiras fortes de marcar isso. É uma ideia antiga, e no cinema data pelo menos do soviético Dziga Vertov (meados dos anos 20) quando falava que o uso da câmera no cinema era um “cine-olho”, um olho que, por ver diferentemente, vê *mais* que o olho humano, e que por isso mesmo o cine-olho é uma maneira mais perfeita para ver os objetos do mundo como são do que nossa visão comum.

4. Como desafiamos um cinema hegemônico com esses filmes. Toda uma maneira de produção e consumo de cinema ficam um tanto afastadas dos nossos encontros. Nos aproximamos muito do cinema experimental, sobretudo dos mais antigos, e isso significa que para nós o processo determina mais o filme do que o filme determina o processo. Nas propostas de dispositivos, não partimos da palavra – no sentido de que nunca produzimos um roteiro antes de sair filmando –, mas de ideias que mobilizam um encontro com o mundo. Cores e texturas, e é isso.

5. Experiências de Méliès e Kuleshov reaparecendo mais de cem anos depois. [Aqui tem o vídeo de 1 minuto do Hitchcock exemplificando o Efeito Kuleshov, que comentamos no encontro.](#)

[Os filmes que fizemos estão no drive.](#)

Obrigado por virem e até a próxima,
beijos a todos.

Keven e Gabriel.